



Um caminhão carregado de óleo diesel tombou na Rodovia Marechal Rondon, perto de Cafelândia, a 411 quilômetros da capital. O veículo capotou no canteiro central.

CRISTINA CHRISTIANO
cristinam@diariosp.com.br

► Aos 88 anos, Olga Apolinário Guerra achava normal passar o dia cozinhando para os netos, cuidando da família, e já nem fazia mais planos para o futuro. Casara-se aos 16 e, durante 72 anos, fora apenas dona de casa. Até que perdeu o marido e, tempos depois, duas filhas e uma nora. "Me fechei e não tinha mais perspectiva", lembra.

Foi aí que uma amiga, oito anos mais nova, indicou a universidade para a terceira idade. Hoje, aos 92 anos, Olga é outra pessoa. Sente-se rejuvenescida, é vaidosa e perdeu a timidez. "Eu era como a Gata Borralheira, que viria atrás do fogão. Não tinha mais sonhos, me sentia para baixo e quase não conversava com ninguém", lembra Olga, que agora quer escrever um livro sobre sua vida.

A mudança foi tão boa que a filha, Neyde de Azevedo Guerra, de 75, seguiu a mãe e também voltou para a escola. As duas estudam na Universidade Aberta à Terceira Idade (Uati), da Unifesp, na Vila Mariana. Começaram com o básico, de um ano e meio. Em 2007, colaram grau juntas, de boca, diante de uma plateia de 400 pessoas, que as aplaudiu em pé. Não pararam mais. Fizeram informática e, agora, língua portuguesa e literatura. O próximo será inglês.

"Estudar foi uma bênção. Fizemos amigos, conhecemos lugares diferentes. Hoje nos sentimos mais valorizadas, principalmente diante da família", diz Olga.

Em casa, mãe e filha parecem até colegas de classe, em república, sempre alegres. Nas horas vagas, Neyde toca piano e Olga canta.

Formatura Neyde e D. Olga



O DVD da formatura, em 2007

Ensina-me a viver

Pessoas como Dona Olga Guerra, de 92 anos, encontram na faculdade um novo rumo e deixam a tristeza, a solidão e o desânimo para trás

DIÁRIO - A senhora já tinha cursado faculdade antes?

OLGA GUERRA - Não, nunca tive oportunidade. Me casei aos 16 e passei 72 anos vivendo apenas como esposa e mãe. Depois fiquei viúva, vieram os netos e transferei a minha dedicação para eles. Achava que tinha uma vida normal, porque não conhecia outras coisas.

Por que a senhora decidiu frequentar a universidade?

Em sete anos, perdi duas filhas e uma nora e isso me abalou muito. Minha vida estava praticamente parada, me fechei nos cantos e não tinha mais nenhuma perspectiva. Mais aí a avó do namorado da minha neta me falou da universidade na Unifesp e resolvi conhecê-la. Foi a minha salvação. Agora, não quero mais parar de estudar.

Qual foi a principal mudança que a universidade trouxe?

A descoberta de que a minha vida não acabou e ainda tenho muito o que fazer e a ensinar.

Como a sua filha Neyde decidiu acompanhá-la?

Na verdade, foi por minha causa. Ela tinha que me levar e buscar na Uati, porque eu não dirijo. Para não ir e voltar, ficava me esperando, então pedi para incluí-la no curso. E foi muito bom para ela também.

Que conselho a senhora dá às pessoas de sua idade?

Idade está dentro de nós. Por isso, não deixe a vida parar só porque passou dos 60 anos.



FOTOS DE EDISON BANTAS / DIÁRIO SP

NEUZA, de 80 anos, já fez 25 cursos em cinco anos. Agora tem um blog para a terceira idade

Professora aposentada volta para a USP

► Formada em história natural pela USP na turma de 1951, a professora Neuza Guerreiro de Carvalho, de 80 anos, se considera estudante compulsiva. "Nunca consegui parar de aprender, nem de ensinar. É isso que dá sentido à minha vida", diz ela, que há cinco anos frequenta a Universidade Aberta à Terceira Idade da USP, onde já fez 25 cursos.

Neuza voltou à universidade 30 anos depois de se aposentar. "Sempre fui presente na minha

família, acompanhei o crescimento dos netos, cuidei do meu marido, que morreu há dez anos, e depois da minha mãe. Quando ninguém mais precisava de ajuda, fui cuidar de mim".

Só estudar não foi suficiente. "Tenho obsessão em passar para os outros o que sei. Como sempre escrevi muito, criei um blog (vovoneuza.blogspot.com) para que outras pessoas aprendam comigo", conta. "Aquilo que parei de fazer como professora faço pela internet", diz, orgulhosa.

Dona Neuza ainda tem seu espaço de arte e de resgate da memória à terceira idade. "As pessoas pensam que idoso só quer baile, bingô e bolo. Há muitas outras coisas mais proveitosas, como o aprendizado, porque o conhecimento torna a vida mais gostosa."

É um trabalho mental e físico

► "Faculdade na terceira idade é tudo", resume a pedagoga Cristina Fogaça, especializada em envelhecimento. Segundo ela, facilitar o acesso da terceira idade aos estudos é questão de saúde pública. "Infelizmente, nenhum governo se deu conta disso. A universidade tira muito gente dos médicos porque quem não tem o que fazer, fica colocando minhoca na cabeça e vai gerando as doenças. É preciso trabalhar a mente tanto quanto o físico, porque é ela que se levanta ou enterra", afirma.

Para Cristina, fazer faculdade após os 60 anos é buscar a identidade perdida. "A faculdade desperta outros interesses. O aluno descobre que o problema que era tão grande para ele parece pequeno se dividido com quem fala a mesma língua e também aprendem a ajudar."

A psicóloga Cláudia Aizen da Unifesp, afirma que a mudança nos alunos é imediata. "A gente nota alterações físicas, na maneira de se vestir, na postura no humor, no modo de se relacionar com a família, ficam mais independentes e até reduzem o uso de medicamentos."

Em São Paulo, há 17 universidades abertas. Mas a procura ainda é pouca, por falta de divulgação. O maior número de alunos é na USP, que saltou de 847, em 1994, quando foi criada, para 9.622 em 2009.

FAMÍLIA UNIDA

Neyde (ao piano), de 75 anos, e a mãe, Olga, de 92, colaram grau juntas, em 2007. Não pararam mais de estudar

